

Igrejas e comunidades *underground's*: novos modelos eclesiais?

Churches and Underground Communities: new ecclesial models?

Flávio Lages Rodrigues*

Resumo

Este artigo levanta o questionamento a princípio sobre *novos* modelos de igreja na atualidade que podem estar em choque com os *velhos* modelos e exigem uma espiritualidade e práticas religiosas que façam sentido para os jovens que estão nas grandes metrópoles. Na análise da Comunidade Caverna de Adulão, em Belo Horizonte, e de outras comunidades e igrejas no Brasil, observou-se como ocorre a construção da relação entre cultura e religião com os jovens adeptos da música *rock* nas tribos urbanas *headbangers*. Essa construção relacional entre cultura e religião ocorre pela possibilidade de utilizar elementos culturais nas práticas religiosas na pós-modernidade. O que aponta não para um novo modelo de igreja, mas para novas leituras e releituras de expressões culturais juvenis e a socialidade que o *rock* proporciona. Na análise bibliográfica utilizamos como principal referencial teórico-metodológico o livro, *O tempo das tribos* de Michel Maffesoli.

Palavras-chave: Tribos Urbanas. Juventude. *Rock*. Religião e Contemporaneidade. Religião e Cultura.

Abstract

This article raises the question on "new" models of church nowadays, which may be in conflict with "old" models and require a spirituality and religious practices that make sense to the youth who live in metropolises. By analyzing the Community Caverna de Adulão (Adulam Cave Community), in Belo Horizonte, and other communities and churches in Brazil, we observed the construction of the relation between culture and religion among young adepts of Rock and Roll music in headbangers urban tribes. This relational construction between culture and religion occurs because of the possibility of using cultural elements in religious practices in the post-modernity. This does not indicate a new model of church, but new readings and re-readings of young and cultural expressions and the sociality that Rock and Roll can provide. In the bibliographic analysis, the main theoretical-methodological reference was the book *O tempo das tribos – o Declínio do Individualismo Nas Sociedades de Massa* [*The time of the Tribes – The Decline of Individualism in Mass Society*] by Michel Maffesoli.

Keywords: Urban Tribes. Youth. *Rock*. Religion and Contemporaneity. Religion and Culture.

* Mestrando em Ciências da Religião (PUC-MG). E-mail: flavioposttrevor@yahoo.com.br

Introdução

Nota-se que, para falar de igrejas e comunidades *underground's* ou de novas formas eclesiais na atualidade, fizemos a seguinte pergunta: Igrejas e Comunidades *Underground's*: novos modelos Eclesiais? Com este questionamento, buscamos identificar e descrever a relação dos jovens que gostam de *rock*¹ e que estão nas tribos urbanas *headbanger's*², como a Comunidade Caverna de Adulão. Para isso é necessário entender a diferença entre Igrejas e Comunidades Cristãs e saber como se estabelecem os *movimentos underground's juvenis* na cena secular, ou seja, fora dos meios eclesiásticos. Também mostraremos que outras igrejas e comunidades *underground's* no Brasil desenvolvem este tipo de trabalho junto aos jovens. Para isso, foi necessário entender algumas transformações que ocorreram ao longo dos últimos séculos, nas décadas derradeiras, até os nossos dias. Variadas áreas da sociedade foram afetadas pela nova maneira de pensar e agir no mundo. Essa nova mentalidade não aceita nada que se erija como absoluto, pois esta produziu sistemas opressivos, fome, guerras e campos de concentração.

A Comunidade Caverna de Adulão, em Belo Horizonte, captou o pensamento juvenil atual e se consolidou como uma igreja que se apropria de elementos da cultura³, entre os quais o *rock* e a religião⁴, como fator na sociabilidade entre os jovens que estão nas tribos urbanas *headbanger's* e na cena alternativa⁵ e *underground*⁶ secular. A composição da comunidade, apesar de ser inicialmente para grupos marginalizados e discriminados na sociedade, atualmente tem como membros crianças, homens, mulheres e pessoas das mais variadas idades.

Essas práticas de inclusão e respeito ao que é diferente quebram a rigidez da religião institucional de modo que novas formas de expressão religiosa eclodem dentro da cultura. Maffesoli (2010, p. 135) observa que “essa religiosidade pode caminhar lado a lado com a descristianização, ou com outra forma qualquer de desinstitucionalização. E, por isso mesmo, a socialidade designa, justamente, a saturação dos grandes sistemas e das demais macroestruturas”.

Nesse aspecto, tanto a religião como a cultura usam roupagens e elementos utilizados por outros grupos sociais e juvenis de décadas passadas para dar um novo sentido ou significado à prática religiosa. Ideologias são

resgatadas, posturas e elementos estéticos de alguns grupos são relançados como algo a ser seguido, ou seja, viram moda para toda a sociedade. Essas releituras abrem possibilidades para novas expressões religiosas que seriam impensadas no âmbito religioso há alguns anos atrás.

Portanto, a pós-modernidade⁷ traz elementos totalmente novos e perspectivas não pensadas antes, com novas práticas religiosas e culturais nos grandes centros urbanos. Será que as Ciências da Religião podem contribuir para entender essas novas formas de manifestações culturais e religiosas na atualidade e também a relação de pertencimento que o membro estabelece com a instituição religiosa?

1. Igrejas e Comunidades *Underground's*

Percebemos que a Comunidade Caverna de Adulão, em Belo Horizonte, se consolida como uma comunidade cristã, que utiliza elementos da cultura, entre eles a religião e o *rock*, com a sociabilidade dos jovens nas tribos urbanas. Para Maffesoli, as práticas religiosas podem ajudar na ampliação da sociabilidade, pois estabelecem laços mais estreitos entre as pessoas e isso ajuda a enfrentar as adversidades da vida.

Que a religião (*re-ligare*) seja a expressão de uma socialidade plural, [...], não é de nenhuma forma surpreendente. Com efeito, convém lembrar que antes de institucionalizar-se, com sabida rigidez, as reuniões religiosas servem, antes de tudo, para manter o calor, para cerrar as fileiras diante da dura “ordem das coisas”, social ou natural. (Maffesoli, 2010, p. 185)

Essa socialidade plural que a religião pode proporcionar com o sentimento de pertencimento, e o calor produzido pelo ombro a ombro, também podem ser observados na composição da comunidade. No início, o trabalho era voltado para os jovens que estavam nos grupos marginalizados e discriminados na sociedade, hoje, ela tem como membros homens, mulheres, crianças e pessoas das mais variadas idades.

1.1. Novos modelos eclesiais?

Percebemos que não só a Comunidade Caverna de Adulão desenvolve este tipo de trabalho específico junto aos jovens que estão ligados às tribos urbanas

headbanger. Existem, atualmente, igrejas e comunidades cristãs que realizam este trabalho voltado para os jovens, inclusive ministérios e bandas de *rock* ligados à Igreja Católica.

Outro fator que merece destaque é que não se trata de novas igrejas e comunidades, mas de práticas religiosas que fazem uso de manifestações culturais variadas, com leituras, releituras e novas formas e significações, que aqui utilizam o *rock* como um elemento cultural juvenil. Antes de prosseguirmos é bom salientar algumas diferenças entre igrejas, comunidades e o que se chama de *movimento*⁸ entre os grupos juvenis. De acordo com Brakemeier (2004, p. 49), “*comunidade* é a congregação local, enquanto *igreja* designa um conjunto de comunidades.” Ainda de acordo com ele, igreja e comunidade são sinônimos *neo* testamentários.

De acordo com o Novo Testamento, porém, igreja e comunidade são sinônimos. A diferença está unicamente na origem etimológica. *Igreja* provém do grego *ekklesia*, que significa *assembleia*, enquanto *comunidade* é termo latino, designando um grupo unido por algo comum. Sob tal perspectiva, viver em comunidade é viver em igreja e vice-versa. Comunidade cristã sempre possui natureza *eclesial*. (Brakemeier, 2004, p. 49-50)

Outro fator de destaque é que as comunidades estão mais abertas a elementos culturais que as igrejas, e assim, estão mais envolvidas ao que é produzido pela cultura. A comunidade acaba sendo mais receptiva também à cultura pela sua liberdade quanto aos dogmas e estruturas eclesiais, que são menos rígidas e engessadas que as igrejas no que tange às mudanças. Muitas comunidades evangélicas que desenvolvem seus trabalhos junto aos jovens, usam tal nomenclatura para se distanciar do formato de igrejas convencionais e terem mais abertura para todo tipo de grupo juvenil. Assim, essas comunidades não estão ligadas muitas vezes às grandes igrejas, históricas ou não, mas são fiéis ao evangelho e estão contidas integralmente a igreja de Deus.

Isso não impede que as comunidades locais se apresentem em variedade de formas e em coloridos culturais. Elas têm o direito à diferença. Já na primeira cristandade conviviam cristãos de fala hebraica e grega, portanto oriundos de diferentes ambientes. Divergiam as tradições, os costumes, as etnias. Nem sempre a pluralidade cabia numa só organização comunitária. A igreja de Jesus Cristo não pode pretender a uniformidade. Ela precisa adequar-se ao contexto em que vive, articular o evangelho na perspectiva cultural, falar a linguagem do povo. É digno de destaque que comunidade cristã não está atrelada a nenhuma cultura específica (cf. 1 Coríntios 9.19s.). Ela pode vestir os *trajes*

típicos da respectiva localidade e região. Tem abertura para a multiculturalidade. Congrega gente concreta, de *todas as nações* (Mateus 18.18). (Brakemeier, 2004, p. 50)

As comunidades locais se estabelecem como solo fértil para as variedades de formas em diferentes ambientes. Essa pluralidade pode ultrapassar a organização comunitária e assim, sinalizar que nenhuma comunidade fique presa a uma cultura específica. Desse modo, o regionalismo é respeitado, com a incorporação dos elementos, próprios de determinados grupos. O que viabiliza a abertura para o multiculturalismo sem cair na tentação de monopolizar ou achatar manifestações que estão fora dos grandes centros urbanos.

Dessa forma, verificamos que essas igrejas e comunidades *undergrounds*, que desenvolvem este tipo de trabalho com os jovens não estão restritas apenas às grandes metrópoles brasileiras, mas têm se espalhado por vários pontos do Brasil e chegaram a cidades de pequeno e médio porte.

De acordo com Baggio (1997, p. 72), a Comunidade S-8 em Niterói no Rio de Janeiro foi a pioneira no Brasil a desenvolver seus trabalhos voltados para os jovens, desafiando os padrões culturais e apoiando bandas com estilos próprios. A comunidade iniciou suas atividades em 1971, com reuniões de jovens que buscavam orientação e tratamento para o uso e abuso de drogas.

Vários problemas sociais têm levado comunidades e igrejas a darem respostas ao mundo que está em constante transformação. Observa-se na atualidade um grande crescimento da violência, das drogas, da promiscuidade, por haverem muitas cidades experimentado, em todo o mundo, uma explosão demográfica, trazendo consigo graves problemas, típicos das grandes metrópoles.

1.2. Igrejas e Comunidades *Underground's* rompendo com os limites geográficos brasileiros

Verificamos que estas igrejas e comunidades que desenvolvem trabalhos com as tribos urbanas, não se limitam apenas às grandes cidades, mas têm se espalhado por várias outras, tanto de médio quanto de pequeno porte. Em estudo anterior, identificamos que, assim como a Comunidade S-8, que é pioneira no Brasil, fundada na década de 1970, inúmeras igrejas e comunidades, tanto pequenas como grandes, desenvolvem trabalhos específicos, junto aos

jovens que estão nas mais variadas tribos urbanas. (Rodrigues⁹, 2007, p. 124-128).

Destaca-se a Comunidade *Metanóia*, da cidade do Rio de Janeiro, fundada no final dos anos de 1990. Outra dessa mesma época é a Comunidade *Zadoque*, da cidade de São Paulo, que recentemente teve o seu nome mudado para *Crash Church Underground Ministry*. No Paraná, destacam-se a Comunidade Gólgota e a Comunidade Refúgio; ambas começaram suas atividades em 2000. Em Florianópolis, o destaque é o Ministério *Underground Ossos Secos*. Do norte e do nordeste do Brasil, algumas comunidades desenvolvem trabalhos com jovens que estão nas tribos urbanas; na cidade de Palmas, destacamos a Comunidade *Zoe*; de Belém, o destaque é a Comunidade Altar, e somando-se a elas, a Missão *Shekinah*, de Aracaju.

De acordo com o site *Cristianismo Underground*,¹⁰ existem várias igrejas e comunidades *undergrounds* cristãs no Brasil atualmente. Todas trabalham com os jovens que estão nas tribos urbanas, no cenário alternativo e *underground* nacional. Destacamos no Estado do Espírito Santo a Comunidade Milícia, que desenvolve seus trabalhos junto aos jovens que estão nas tribos urbanas na cidade de Serra, e a Avalanche Missões Urbanas, na cidade de Vitória, que apoia e treina novos líderes para atuarem em suas comunidades e também na implantação de igrejas *undergrounds*.

O Estado de Minas Gerais desponta com inúmeras igrejas e comunidades *underground's* com trabalhos para os jovens que estão inseridos nas mais variadas tribos urbanas. Como já observamos em estudos anteriores, o *Tribal Generation*, em Uberlândia, é um dos exemplos das mudanças que ocorrem no Brasil e no mundo. Esse trabalho estimulou a implantação de novas igrejas que atenda a geração emergente com suas tribos urbanas, com o apoio e treinamento de novos líderes para essas novas igrejas. O trabalho do *Tribal Generation* é interdenominacional e está em vários países do mundo. Ainda em Uberlândia destacamos a Comunidade Manifesto Missões Urbanas, a Comunidade Grito de Alerta da cidade de Ipatinga, a Comunidade Impacto Urbano, de Governador Valadares e a Caverna do *Rock*, em Juiz de Fora. (Rodrigues, 2007, p. 126)

Existem cidades que têm inúmeras igrejas e comunidades que desenvolvem trabalhos com os jovens que estão nas tribos urbanas *headbanger's* com o *rock*. Este é o caso de Belo Horizonte, que além de ter a Comunidade

Caverna de Adulão como a mais antiga em atividade, conta também com várias outras que desenvolvem o mesmo trabalho na cidade. Entre outras igrejas e comunidades destacamos a Comunidade RAUC *Church* (Refúgio de Adoradores Unidos em Cristo). Esta comunidade tem uma peculiaridade, começou o seu trabalho com jovens que estavam envolvidos com a cena alternativa e *underground*, e há dois anos abriu as portas para moradores de rua e dependentes químicos, que passaram a morar dentro da comunidade. Outras comunidades trabalham especificamente com os roqueiros que estão nas tribos *headbanger*, como é o caso da Comunidade Justiça e Retidão, da Comunidade *Rock Grace Church* e da Igreja 180°. Todas desenvolvem trabalhos junto às tribos urbanas e com a cena alternativa e *underground* na capital mineira.

Encontramos quase vinte sites que divulgam a cena alternativa e *underground* cristã. No entanto, poucos foram os que divulgavam igrejas e comunidades. A grande maioria divulga bandas e suas respectivas igrejas e comunidades. Além do site Cristianismo *Underground* acima citado, encontramos o site Congresso Nacional *Underground* Cristão¹¹ (CNUC) que, desde o ano de 2000, realiza congressos na promoção das comunidades *undergrounds* que trabalham junto aos jovens que estão nas tribos urbanas de forma itinerante e interdenominacional por todo o Brasil.

2. A música *rock* como manifestação juvenil, cultural e religiosa

Toda evolução dessas novas formas de igrejas, cultos e práticas religiosas que se amoldam as necessidades dos jovens, ocorreu, de acordo com Costa, pela aproximação dos evangélicos com o *rock*. “Inicialmente, no Brasil, a aproximação efetiva dos evangélicos com o *rock* remete-se, por exemplo, segundo Mariano, a um movimento denominado ‘roqueiros de Cristo’ que teve início com a banda ‘Rebanhão’, em 1981, no Rio de Janeiro.” (Costa, 2004, p. 51).

No entanto, a utilização dos elementos culturais, como o *rock* no Brasil, é anterior à década de 80, e grupos como ELO e S-8 foram fundamentais, pois “ajudaram a trazer a música contemporânea para dentro das igrejas evangélicas brasileiras ainda na década de 70. Ambos os grupos produziram músicas de alto nível e desafiaram os padrões em seus trabalhos.” (Rodrigues, 2006, p. 71).

Ao trazer a música contemporânea para as igrejas evangélicas, o grupo ELO e S-8 abriram novas possibilidades para novas interpretações não só musicais, mas principalmente para práticas religiosas que fossem espontâneas e livres para fusões, leituras e releituras.

Com sua música bem ritmada e ousada, o grupo - que nasceu em São Paulo e se transferiu posteriormente para o Rio de Janeiro - trazia uma fusão de ritmos que iam desde o baião ao *rock'n'roll*. Em 1984, Janires Magalhães Manso, líder do Rebanhão, desligou-se do grupo e foi trabalhar com a MPC (Mocidade para Cristo) em Belo Horizonte, onde formou a Banda Azul. (Rodrigues, 2006, p. 122)

Vários grupos seguiram o caminho aberto pelo Rebanhão, inúmeros grupos despontaram em todo o país, formando o que ficou conhecido como música *gospel*, entre eles: Sinal de Alerta, Banda e Voz, Complexo J, Fruto Sagrado, Kadoshi (ex-Atos 2), Oficina G3, Banda Gerd, Banda Rara, Katsbarnéia e Resgate.

A Igreja Apostólica Renascer em Cristo, por exemplo, teve sua origem nas camadas da classe média e alta, ainda assim, ela desenvolveu inúmeros trabalhos com certa desenvoltura com as mais diversas tribos juvenis que estavam nos subúrbios.

O *Christian Metal Force (CMF)*, originalmente fundada por Cláudio Tibério e que passou a fazer parte da Renascer no início dos anos noventa, teve suas atividades focadas exatamente para essas culturas juvenis. E, como forma de atrair essa juventude, deu um amplo espaço para as bandas de rock evangélicas por intermédio de um trabalho de reelaboração dos símbolos e linguagem do rock. (Costa, 2004, p. 53)

A efervescência em Belo Horizonte entre as décadas de 80 e 90 com as mais variadas bandas de *rock* pesado já apontava para a capital mineira como celeiro dessas bandas com os mais variados estilos musicais e seus subgêneros. É fácil de perceber esta preocupação, pois Belo Horizonte era considerada o celeiro de bandas de estilos, como: *Rock Progressivo, Rock Popular, Heavy Metal, Death Metal, Thrash Metal, New Metal, Doom Metal, Grind Core, Hard Core, Crossover, Punk Rock, Gótico, Grunge*, entre outros.

A banda Sepultura, de Belo Horizonte, nos anos 90 foi considerada a maior banda de *rock* pesado do mundo. Na cidade havia várias bandas de sucesso, entre elas: *Overdose, Sex Thrash, Chacal* e muitas outras. A cidade, pela

grande quantidade de bandas, em 1994, recebe o título de *Capital do Rock* na cena alternativa e *underground* secular. A capital mineira entra definitivamente no cenário do *rock* mundial com o *BHRIF* (Festival Internacional de Rock de Belo Horizonte). Ocorreu a apresentação de bandas nacionais e internacionais na Praça da Estação e na Serraria Souza Pinto. Este festival foi realizado pela Prefeitura de Belo Horizonte, em parceria com a iniciativa privada, aberto ao público em geral.

A cena alternativa e *underground* cristã também não ficou para trás, com o pioneirismo das primeiras bandas *underground's* de *rock* cristão e com o surgimento da Comunidade Caverna de Adulão no início de 1990. “Em Minas Gerais, segundo Tibério, surgiram as primeiras bandas White metal. O Ministério mineiro de White Metal, conforme informou Tibério, inicialmente chamou-se ‘Sanctuary Church’ e, em 1994, passou a se chamar ‘Caverna de Adulão’, nome que ostenta hoje.” (Costa, 2004, p. 54).

De acordo com Costa, no final da década de 80 e início dos anos 90, as comunidades e igrejas começam a mudar seu campo de atuação para alcançar os jovens dos subúrbios das cidades. “Mais ou menos a partir desse momento começaram a surgir comunidades religiosas e igrejas evangélicas, que começaram a mudar a sua forma de atuação e os métodos de cooptação dessa juventude proveniente dos subúrbios das cidades brasileiras.” (Costa, 2004, p. 48).

Dessa forma, tanto comunidades como igrejas começaram a aceitar a manifestação cultural dos jovens dentro de suas práticas religiosas, e o apoio dado pelos líderes religiosos a esses grupos ou tribos refletiu na frequência e permanência desses jovens e suas respectivos *movimentos juvenis* nas suas igrejas e comunidades.

Um dos atrativos é que, desde que aceitassem “Jesus” e passassem a frequentar as igrejas, eles poderiam continuar a “ser como antes”. O que significava poder usar as roupas, cabelos e adereços tradicionais, ouvir e participar de shows e encontros musicais e culturais, de forma pacífica, entre outras possibilidades. (Costa, 2004, p. 49).

Essa aceitação de *ser como antes* na adesão dos jovens nas igrejas e comunidades cristãs foi um marco importante no que se refere à cultura juvenil. Isso mostra uma grande sensibilidade dos líderes religiosos, pois estes

conseguem ver e respeitar a importância do que é construído pelos jovens e, ao mesmo tempo, abrem espaços para que eles também construam suas práticas religiosas em linguagem e contexto próprio. Isto aponta para uma religião que não está engessada, mas que se reinventa, se transforma e se amolda às necessidades humanas.

2.1 O rock como fator de socialidade nas práticas religiosas pós-modernas

Percebemos que a adaptação dessas igrejas e comunidades aponta para uma nova forma de evangelizar e também uma nova forma de ser membro nesses círculos religiosos. Vale a pena ressaltar que não se trata de um novo modelo de igreja ou comunidade. No entanto, nessas práticas religiosas, abertas à apropriação de elementos culturais, podemos ver que a instituição religiosa é quem muda e se amolda às necessidades dos seus membros, não sendo a pessoa que muda no ato de sua conversão.

O continuar a *ser como antes*, descrito por Costa (2004, p. 49), diz respeito à abertura das instituições religiosas às práticas realizadas pelos jovens nas tribos urbanas. “Assim, a figura tradicional do ‘crente’, vestindo um terno preto, segurando uma bíblia e seguido de sua mulher trajando um vestido comprido e conservando os cabelos longos, foi substituída pelos fiéis usando roupas descontraídas, coloridas e cabelos da moda.” (Costa, 2004, p. 51).

Este que a princípio parece ser um novo modelo de igreja que quebra a rigidez da religião institucional, ao que parece, desenvolve novas práticas religiosas, que utilizam elementos culturais como forma de expressão religiosa que eclodem dentro da própria cultura. Os cultos da Comunidade Caverna de Adulão, mesmo que pareçam ter a forma diferente dos padrões tradicionais de igreja evangélicas na atualidade, não diferem das práticas religiosas dessas igrejas, embora haja uma participação mais inclusiva de seus membros e também uma maior liberdade para manifestações culturais na comunidade.

Nesse aspecto, a religião e o rock podem estabelecer a socialidade entre os pequenos grupos ou nas tribos urbanas como expressão dessa cultura mais ampla. Essa socialidade rompe com os grandes sistemas e as grandes estruturas pelo distanciamento e pela frieza relacional que elas causam. “A religião que se

define a partir de um espaço é um cimento agregador de um conjunto ordenado, ao mesmo tempo social e natural.” (Maffesoli, 2010, p. 211).

Tanto a religião quanto o *rock* usam roupagens e elementos utilizados por outros grupos sociais e juvenis de décadas passadas para dar um novo significado à prática religiosa. Nessas práticas religiosas, o *rock* poderia ser o que Maffesoli descreveu acima como *espaço*, pois através dele muitos jovens são atraídos às comunidades e igrejas que trabalham com as tribos urbanas e expressam a religiosidade na cultura alternativa e *underground*.

Dessa forma, o *rock*, como estilo musical juvenil, pode se estabelecer como um *espaço* simbólico que ajuda a religião a lançar suas bases na sedimentação dos laços entre os jovens. Paralelamente, Costa observa que a música tem o poder de unir os jovens com os mesmos ideais. “No caso de determinados grupos juvenis, a música é vivida coletivamente como fonte de significado e identidade.” (Costa, 2004, p. 58).

Nestes laços, nos sentimentos de pertencimento e de estar-juntos, ideologias são resgatadas, posturas e elementos estéticos de alguns grupos juvenis são relançados muitas vezes como algo a ser seguido, ou seja, viram moda para toda a sociedade. Essas releituras abrem possibilidades para novas expressões religiosas, como é o caso do *rock*, que alguns anos atrás seriam impensadas no âmbito religioso.

Portanto, a pós-modernidade traz ao ser humano a autonomia para fazer suas próprias leis, escolhas e, na pluralidade de pensamentos, não cabe mais um pensamento absoluto e verdadeiro. Outro fator dessa época é a utilização de elementos totalmente novos e perspectivas não pensadas antes, com novas práticas religiosas e culturais nos grandes centros urbanos.

2.2 Comunidade Caverna de Adulão: uma abertura para a diferença e para a alteridade

Percebemos que a Comunidade Caverna de Adulão, em Belo Horizonte, como outras comunidades espalhadas pelo Brasil e pelo mundo, que desenvolvem este tipo de trabalho junto às mais variadas tribos urbanas que estão na cena alternativa e *underground*, não sinalizam para uma *nova* forma de igreja. Antes, elas apontam para novas práticas religiosas na atualidade, que

utilizam os elementos que são dados culturalmente, entre eles, a própria religião e a música *rock*, e que também respeitem as manifestações culturais da geração emergente, que não poucas vezes ficam à margem de seus direitos básicos.

Dessa forma, a religião consegue dar sentido à vida desses jovens e assume o papel que deveria ser do Estado com políticas públicas que reduzam as distâncias causadas pela falta de emprego e oportunidades para os mesmos.

Assim, a centralidade da religião para esses jovens pode ser entendida como uma forma de enfrentamento das situações adversas que encontram diariamente em suas vidas, tais como a falta de acesso a direitos e procedimentos formais, que caberia ao Estado suprir. A religião acaba assumindo papéis comumente desempenhados pela esfera política e o cristianismo torna-se o elemento crucial para o enfrentamento da marginalização que as condições econômicas e estruturais têm legado a estes jovens. (Pinto, 2009, p. 181)

A abertura da Comunidade Caverna de Adulão para os jovens adeptos da música *rock* que estão inseridos nas tribos urbanas, pode sinalizar para a riqueza das expressões religiosas e culturais nas novas práticas religiosas da pós-modernidade. A cultura deixa de ser obstáculo na adesão de novos membros à igreja e passa a ser aliada pela sensibilidade de seus líderes. Estes utilizam elementos culturais, como a música *rock*, aliados à religião, o que torna possível aos jovens desenvolverem sua espiritualidade com significados e linguagens próprias de seu cotidiano. Como relatado por Pinto:

Hoje, ao invés da salvação pela negação do *rock*, o que tem operado é a salvação pelo *rock*. No lugar do abandono do jeans rasgado e da camiseta preta, temos a utilização desses anexos corporais para a construção de um território sagrado. Em vez de uma ética ditada pelo pastor, vemos a quebra desta figura enquanto manipulador e mediador do sagrado. Quebradas as mediações, o sagrado, acoplado ao *heavy metal*, torna-se fonte de agencialidade a estes jovens fiéis. (Pinto, 2009, p. 12)

A partir do próprio contexto e experiências religiosas com grupos marginalizados, podem brotar respostas para os problemas sociais. Os jovens passam a ser agentes de transformação com voz e vontade própria que atenda aos seus anseios. Maffesoli relata esta potência que os grupos religiosos têm em multiplicar-se como uma resposta para os problemas de nosso tempo.

Já se disse que os *thiasas* dionisíacos do final do helenismo ou as pequenas seitas do início do cristianismo foram a base da estruturação social que se lhes seguiu. Talvez seja possível dizer a

mesma coisa da multiplicação dos reagrupamentos afetivo-religiosos que caracterizam a nossa época. (Maffesoli, 2010, p. 142)

As bases para o relacionamento entre os jovens ocorrem justamente pelo sentimento de pertencimento e de estar juntos. A participação de todos e a sociabilidade nos grupos religiosos, de acordo com Maffesoli (2010, p. 146), aponta para o ressurgimento das comunidades de base ou de grupos afinitários, nas igrejas contemporâneas, aos quais ele compara com a grande abundância e riqueza dos lençóis freáticos que podem exercer sua função social, apenas quando usados como partilha, ajuda mútua e solidariedade desinteressada.

A microestrutura das tribos urbanas, com seus sentimentos mútuos e os pequenos grupos que se desenvolvem dentro de uma macroestrutura social, sinalizam para a riqueza e força da sociabilidade que, com sua efervescência, aponta para o calor afetivo na construção dos relacionamentos sociais.

Da multiplicação dos cultos privados ao acanhado tecido de pequenas células que oferecem hospitalidade aos líderes da nova religião cristã, ou aos revolucionários dos tempos modernos, as novas gerações sociais, o nascimento dos valores alternativos passa pelo que podemos chamar a lógica da rede. (Maffesoli, 2010, p. 149)

Para Maffesoli (2010, p. 148), a lógica da rede ocorre pela sensação coletiva, na qual os processos de atração e de repulsão se farão por escolha, que ele chamou de *sociabilidade eletiva*. Esta *sociabilidade eletiva* possibilita aos jovens escolherem ou não a quais tribos ou grupos pertencer.

Essas práticas afetuais constroem redes, como em uma trama de fios de tecido que fica mais resistente a cada nó que os amarra e os une, assim, são formadas as relações que se estruturam a partir do *sentimento de pertença*, em função de uma *ética específica* e nestas relações está o elemento tribal. Eles possuem sentido na dinâmica global quando *outros grupos se criam* a partir do mesmo sustentáculo.

Os padrões ideológicos, a postura e a estética desses pequenos grupos que não eram aceitos e difundidos na sociedade, agora se tornaram um verdadeiro *self service* de possibilidades para os jovens. Isto fica evidente com as escolhas de elementos estéticos que incorporaram a vida cotidiana das pessoas na atualidade.

As tatuagens, os cabelos longos e coloridos, os moicanos, os *piercing's*, os alargadores, as roupas pretas, as camisas de bandas de *rock* e outros elementos que eram discriminados na sociedade, posteriormente, além de virar moda, acabaram por se transformar em ideal de juventude e passaram a ser aceitos na sociedade.

Durante décadas, ambientes e tribos encontraram nos meios de comunicação tanto a representação de sua marginalidade e resistência (definidas como problema social) quanto a histeria de um novo modismo. A subcultura punk dos anos 70, por exemplo, emergiu dos guetos e, devido à influência da mídia, ascendeu a chic. O estilo punk foi expropriado de sua origem ideológica e esteticamente transgressora, acabando por se tornar fashion, hype, cult e, finalmente maistrean - o que ilustra o poder da mídia em descaracterizar e recriar eventos surgidos entre os jovens e os projetar para o grande público. (Brandini, 2004, p. 105)

O que era uma identidade de determinados grupos *punk's* ou *headbangers* com o *rock*, acabou por se estabelecer como moda. Assim, os ideais que constituíram esses grupos se diluíram com o passar dos anos, com sua difusão na mídia e na cultura de massas. E a estética produzida por esses grupos juvenis chegou às passarelas da moda pelo mundo.

No início dos movimentos contraculturais, o *underground* se estabeleceu em contraposição à cultura que estabelecia os padrões culturais. Como já observamos, o *underground* é uma cultura que não é divulgada pelos meios de comunicação de massas, ela existe de forma *clandestina*, subterrânea ou oculta à sociedade.

Atualmente existe a internet, as rede sociais, no entanto, até o início dos anos de 1990, no Brasil o acesso a computadores e à internet era bem restrito. Toda a divulgação de ideologias, bandas, shows, encontros e toda a produção desses grupos era feita através de *fanzines*, que comentavam a produção de artistas em geral com seus livros, discos, poesias, literatura de protesto, teatro, dança e outras manifestações culturais (Rodrigues, 2007, p. 130).

Nesse aspecto, a riqueza cultural específica era mais valorizada com a força das expressões regionais, com a ocupação do grupo em pequenos espaços geográficos. A cultura *underground* era mais forte e somente quem pertencia a esses grupos entendia como se dava sua construção interna e todos os elementos por ela produzidos. Todo o sentido da tribo de *rock* estava intimamente ligado à música e toda produção feita pelas bandas era para o consumo das tribos

urbanas. A música *rock* torna-se uma estrutura social que aglutina os jovens com os mesmos ideais.

Para Brandini (2004, p. 15), “o rock das tribos é uma instituição social em que os indivíduos se reúnem em torno de uma ideia para transformá-la em estilo de vida.” Assim, as pessoas que estavam fora dessa cultura ou de determinadas tribos tinham acesso ao que ela produzia muito tempo depois ou quando era permitido pesquisar tais manifestações desses grupos.

Esse sentimento social da tribo, para os jovens, ocorre de forma muito fechada e transforma-se em ritual por sua repetição que transmite segurança aos seus membros. Conforme mostra Brandini:

O rock produzido pelos membros das tribos juvenis tem início como lazer, cujo significado é a representação da vivência e dos valores que dão identidade à tribo. As práticas do cotidiano de um grupo iniciante – tocar rock, participar de uma banda, compor músicas, realizar shows ou ensaiar – tornam-se verdadeiros rituais para os jovens nelas envolvidos. (Brandini, 2004, p. 43)

A ritualização dentro da tribo ocorre com a necessidade dos jovens terem seus ídolos para dar sentido individual e coletivo à cultura produzida pelo grupo. Em paralelo, a igreja se manifesta no mesmo caminho da contracultura juvenil, a partir da década de 1970 e com mais intensidade nos anos de 1990.

Do mesmo modo que a cultura *underground*, as novas práticas religiosas encarnavam o movimento contracultural no Brasil. Elementos produzidos pela cultura, como o *rock*, o *rap*, o *hip hop*, o *reggae*, entre outros estilos, não eram bem vistos por muitos líderes cristãos. Ainda assim, líderes de comunidades e igrejas *underground's*, como a Comunidade Caverna de Adulão, utilizam elementos da cultura com estilos musicais diferenciados para alcançar um público jovem específico que de outra forma não estariam em igrejas com formato convencional.

A sociedade assim compreendida não se resume em uma mecanicidade racional qualquer. Ela vive e se organiza, no sentido estrito do termo, através dos reencontros, das situações, das experiências nos seios dos diversos grupos a que pertence cada indivíduo. Esses grupos se entrecruzam uns com os outros e constituem, ao mesmo tempo, uma massa indiferenciada e polaridades muito diversificadas. (Maffesoli, 2010, p. 151)

A diversidade dos grupos sociais e as tribalizações nos centros urbanos em nossos tempos mostram as variadas formas de socialização. A sociedade só poderá existir quando seus relacionamentos pessoais e interpessoais cotidianos nos mais diversos grupos forem variados entre si. Os encontros, os laços sociais e as experiências individuais dos jovens, com a religião e o *rock* consolidam-se, com o sentimento de pertencimento e o de estar-juntos na construção da coletividade na sociedade. “Aquilo que liga religião e espaço, como dupla polaridade fundadora de um conjunto dado, não pode ser dito de maneira melhor. A proximidade física, a realidade quotidiana têm tanta importância quanto o dogma que a religião admite veicular.” (Maffesoli, 2010, p. 212).

Portanto, podemos ver uma força renovadora nas práticas religiosas, que vão além dos seus limites percebidos no espaço geográfico e nas estruturas físicas de seus templos. A socialidade que o *rock* produz, o simples encontro para partilhar as mesmas ideias, o sentimento afetivo e de pertencimento são as bases que estruturam os jovens em seus grupos afinitários. Os mesmos gostos musicais, ideológicos e estéticos praticados pelos jovens que estão nas tribos urbanas *headbanger's* sinalizam para a força do ritual, ou seja, a repetição que tem tanto poder nos relacionamentos do dia a dia quanto nos dogmas religiosos praticados pelos seus fiéis.

Conclusão

Este artigo possibilitou entender e descrever a abertura do pensamento plural, da diversidade cultural e religiosa na pós-modernidade, observando a riqueza de novas expressões e práticas religiosas, bem como novas espiritualidades que são possíveis com a união entre elementos juvenis e religiosos na cultura. Essa abertura pós-moderna de forma mais intensa possibilitou as mais variadas transformações que ocorreram na sociedade, entre elas, a social, política, econômica, cultural e também a religiosa.

Percebemos também que, nesse percurso, a Reforma Protestante no século XVI abriu o caminho para as expressões sociais, culturais e religiosas. Ao contestar a autoridade da Igreja Católica como detentora da interpretação dos textos bíblicos e da absolvição de pecados, abriu-se a possibilidade para crítica, para consciência individual e para a autonomia humana. O teocentrismo até

então inquestionável e absoluto abre caminho para o antropocentrismo, em que o homem se torna senhor de sua vida e de sua construção histórica.

Os efeitos dessa nova mentalidade é mais intensificada nos séculos XVIII e XIX, tanto a Revolução Francesa quanto a Industrial trouxeram uma nova mudança no pensamento e nas estruturas sociais no que diz respeito à religião. (Albuquerque, 2007, p. 23). O capitalismo decorrente da nova forma de produção engole o sistema feudal e o campesinato. Ocorre nova forma de trabalho, como o proletariado, que começa a participar na política. Grandes deslocamentos para centros industriais produzem o êxodo rural e as urbanizações desordenadas. A industrialização cria uma grande massa de marginalizados que ocupam as cidades, muitos deles sem trabalho, moradia e meios de sobreviver nos centros urbanos.

O inchaço das cidades gerou inúmeros problemas a começar pela falta de infraestrutura e planejamento urbano. Este fica mais evidente com os subúrbios que tornaram adjacentes aos grandes centros urbanos e acentuavam as desigualdades sociais e a falta de direitos básicos das populações menos favorecidas. Para Schimdt, essas transformações sociais foram as bases para o nascimento da sociologia a partir do século XVI. “A sociologia é uma ciência tipicamente moderna, produto das grandes transformações sociopolíticas, culturais e econômicas ocorridas na Europa nos séculos XVI e XVII.” (Schimdt, 2007, p. 99).

Ainda conforme Schimdt, Durkheim como um dos fundadores da sociologia, estudava a religião como fatos sociais. Um dos principais objetivos de Durkheim era investigar as funções da religião, em que os rituais criam a identidade coletiva, pois unem os membros dos grupos religiosos. (Schimdt, 2007, p. 64).

O ritual, dentro dos grupos religiosos e sociais, pode oferecer pistas para a compreender internamente as estruturas sociais pós-modernas. O *rock*, como um elemento cultural juvenil, ampliou seu sentido como ritual dentro da Comunidade Caverna de Adulão. Não apenas no sentido teológico em questão, mas principalmente no sentido socioantropológico da repetição das ações práticas e do modo de vida entre os jovens. Embora existam aspectos teológicos na construção religiosa interna da comunidade, as Ciências da Religião possibilitam o estudo sociológico e antropológico tanto no âmbito cultural quanto

religioso. Através dessa disciplina podemos observar que o *rock* possibilita a unificação entre a cultura e religião com os jovens das tribos urbanas *headbanger's*.

Para Filoramo e Prandi, há uma força bem maior na religiosidade quanto ao aspecto coletivo do grupo com o espaço geográfico ocupado. “Assim, embora seja possível traçar as linhas de uma religiosidade individual, esta é plasmada segundo dinâmicas que surgem das relações que os indivíduos estabelecem entre si e com o ambiente em volta (o húmus social em seu conjunto).” (Filoramo; Prandi, 1999, p. 99).

A forma da religião depende das interações e trocas que os indivíduos fazem entre si; para isso, fazem uso do *habitat* natural para manifestar suas crenças. O ritual é que pode regular as práticas do grupo e os laços pessoais produzidos por ele são indispensáveis para sedimentar o que tornará vigente como conduta para os membros do grupo.

Dessa forma, a construção cultural dos jovens é algo que adquire força na formação da Comunidade Caverna de Adulão. No contexto pós-moderno, abriu-se a possibilidade para a utilização do *rock* como elemento cultural e religioso. Esses jovens, que não teriam seus direitos básicos respeitados na sociedade, acabam encontrando na religião uma maneira de se expressarem em linguagem e cultura própria.

Podemos ver também que as práticas religiosas desses jovens quebram a rigidez institucional e proporcionam práticas religiosas e espiritualidade que fazem sentido para os mesmos. Para Maffesoli (2010) a trama social juvenil e seus fios só poderão fazer sentido na amarração do tecido, ou seja, estão ligadas a vida cotidiana com seus mais variados entrecruzamentos nas tribos urbanas, nos laços afetivos, de pertencimento, de estar juntos e de socialidade.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. A história das religiões. In: USARKI, Frank, (Org.). *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007. p.19-52.

BAGGIO, Sandro. *Revolução na música gospel: um avivamento musical em nossos dias*. São Paulo: Exodus, 1997.

BRAKEMEIER, Gottfried. *Por que ser cristão?: dez boas razões para crer em Jesus Cristo, crer na ressurreição, viver em comunidade, ler a Bíblia, amar o próximo*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

BRANDINI, Valéria. *Cenários do Rock: mercado, produção e tendências no Brasil*. São Paulo: Olho D'água, 2004.

BRASIL, Igrejas Underground Cristãs no. Agosto 2015. Disponível em: <<http://cristianismounderground.blogspot.com.br/2015/08/igrejas-underground-cristas-no-brasil.html>>. Acesso em: 14 out. 2016.

CALVANI, Carlos Eduardo B. *Teologia e MPB*. São Paulo: Loyola, 1998.

COSTA, Márcia Regina da. *Os carecas de Cristo e as tribos urbanas do underground Evangélico*. In: PAIS, José Machado, BLASS, Leila Maria da Silva. (Org.). *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: Annablume, 2004. p. 43-69.

CRISTÃO, Congresso Nacional Underground. Setembro 2016. Disponível em: <<http://www.cnuc.com.br/blog-do-cnuc/>>. Acesso em: 06 fev. 2016.

DURKHEIN, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1989.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

PINTO, Flávia Slompo. Radicalmente santos: O rock'n'roll e o underground na produção da pertença religiosa entre os jovens. *Revista Proa*, Campinas, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/artichle/viewFile/2397/1810>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

RODRIGUES, Flávio Lages. *A Liberdade do Espírito na vida e no rock*. Rio de Janeiro: MK, 2007.

_____. *O rock na evangelização*. Rio de Janeiro: MK, 2006.

SCHMIDT, Bettina E. *A antropologia da religião*. In: USARKI, Frank, (Org.). *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 53-95.

¹ O surgimento do *rock* ocorreu em 1940 nos Estados Unidos, com as canções de trabalho e gritos campais dos negros americanos que trabalhavam nos campos de algodão. Eles clamavam por liberdade e utilizaram a música como instrumento de protesto, tanto no contexto secular, quanto no religioso. De acordo com Baggio os negros “deram desenvolvimento ao *blues* (tristeza) como música secular e ao *gospel* (evangelho) como música sacra.” (Baggio, 1997, p. 43). Para Calvani (1998, p. 211), o nascimento do *rock* ocorre com a evolução dos negros *spirituals* e do *blues* e sempre esteve associado a rebeldia e contestação.

² O termo *tribo urbana headbanger* é dado aos jovens que interagem em pequenos grupos ou tribos nos centros urbanos. Para esta *tribo* que é chamada pelos mesmos de *movimento* a socialização gira em torno da sonorização com o *rock* pesado, na produção e no consumo dessa música entre os jovens. Estes também consomem uma variedade de roupas, calçados e acessórios, que em muitas vezes são definidos pelos membros da própria tribo. Durante os *shows*, estes jovens, dançam em círculo com o *mosh*, o que lembra as tribos indígenas em suas danças. No *mosh*, os jovens fazem a roda para dançar e dão socos e ponta pés ao ar. Também batem a cabeça, que é o significado literal para *headbanger*, com o movimento para cima e para baixo, jogando os cabelos ao ar.

³ Para o conceito de cultura, utilizamos Maffesoli (2010) em sua obra: O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Ele aponta para duas culturas. De uma lado ele mostrou os *proprietários da sociedade* e são os que têm o poder, tanto de dizer quanto o de fazer, sendo o *poder instituído*, nas diversas formas: *cultural, religiosa, social e econômica*. Por outro lado, ele mostra a vida selvagem, anômica, e desordenada, como uma potência instituinte. Ainda segundo Maffesoli (2010) o *pensamento selvagem* é admitido pela experiência adquirida no contato com sociedades primitivas. Aqui, a antropologia volta seu olhar, para o cotidiano das sociedades contemporâneas, ao que chamou de *culturas de empresa* ou outras observações que pareciam próximas demais para serem analisadas. Essa divisão de duas culturas, para Maffesoli, começa a ser aceita pela cultura erudita. “Isso vale também para a cultura erudita, que começa a admitir a existência de uma *outra cultura*: a dos sentimentos comuns. Podemos estar de acordo com essa emergência. São numerosas as pesquisas que o demonstram, o fato é que existe entre essas duas culturas um distanciamento que às vezes não deixa de se transformar em um fosso intransponível. (Maffesoli, 2010). O conceito de cultura que trabalho aqui, se aproxima mais com a potência instituinte, com o sentimento de estar juntos, o partilhamento, a sociabilidade e o sentimento de pertencimento. Essa cultura é construída pelos próprios jovens, com aspectos muitas vezes, clandestina e marginal na sociedade.

⁴ O conceito de religião utilizado será o de Durkheim na obra “As formas elementares de vida religiosa.” Para Durkheim a religião é algo estritamente social. “A conclusão geral deste livro é que a religião é coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente no seio dos grupos reunidos e que se destinam a suscitar, a manter ou a refazer certos estados mentais desses grupos. Mas então, se as categorias são de origem religiosa, devem participar da natureza comum a todos os fatos religiosos: também elas seriam coisas sociais, produtos do pensamento coletivo.” (Durkheim, 1989, p. 38). Maffesoli em sua obra “O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa”, cita quase 4 dezenas de vezes Durkheim em suas páginas. Em algumas dessas citações Maffesoli como leitor de Durkheim, observa o caráter social da religião e o seu poder em unir a comunidade. “O ‘divino social’, termo com que E. Durkheim designava essa força agregadora que está na base de qualquer sociedade ou associação. Poderíamos, também, dizer ‘religião’, entendendo a palavra como é empregada para designar aquilo que nos une a uma comunidade” (Maffesoli, 2010, p. 78-79). Ainda sobre a obra de Durkheim, Maffesoli (2010), observa que ele não pretendia fazer um estudo exaustivo sobre a religião das tribos australianas. Seu objetivo é compreender o fato social.

⁵ Como termo sociológico o alternativo se estabelece com a sucessão de duas coisas reciprocamente exclusivas, opção entre duas formas de relacionar dentro de um grupo social ou da sociedade. A cena alternativa com os jovens roqueiros começa a partir de 1990, esse movimento juvenil abre a possibilidade entre uma ou outra alternativa nas fusões da música *rock* com outros estilos musicais, o que antes não era aceito dentro dos movimentos juvenis pelo radicalismo de seus membros.

⁶ Cultura que não é divulgada pelos meios de comunicação de massas, subterrânea, clandestina ou oculta diante de um grupo social ou de toda uma sociedade.

⁷ Para Maffesoli, a pós-modernidade é caracterizada pelo tribalismo. Este fenômeno é estudado por ele como fator de sociabilidade há mais de três décadas. Para ele o que vale no tempo presente é a vida cotidiana e seus rituais, as emoções e paixões coletivas, simbolizadas pelo prazer de estar juntos. Ele ainda destaca como dois eixos essenciais, os aspectos ao mesmo tempo, *arcaico* e *juvenis* do tribalismo, e também a sua dimensão comunitária e a saturação do conceito de *Indivíduo*. Na sua visão essas são as duas raízes do tribalismo pós-moderno. (Maffesoli, 2010, p. 3-5).

⁸ A socialidade que ocorre entre os jovens que estão nas tribos urbanas é auto denominado por eles como *movimento*. O afeto e o sentimento de pertencimento ajudam a amarrar e unir os fios dessa trama social. Possibilitando aos jovens que se unem de forma eletiva aderirem ou não aos *movimentos punk, heabanger, hip hop, skatista, reggae, soul, funk*, entre outros.

⁹ O meu interesse junto às tribos urbanas com o *rock* começa no final da década de 80 e início dos anos 90, onde iniciei minha participação mais ativamente, como baterista de uma banda de *rock* pesado no estilo *Death Metal* no cenário alternativo e *underground* secular. Já no início dos anos 2000, a mesma banda começa no cenário alternativo e *underground* cristão. Nessa mesma época comecei o estudo do comportamento juvenil, das bandas, das comunidades e das igrejas que desenvolvem este tipo de trabalho junto aos jovens que gostam de *rock* e que estão nas tribos urbanas *headbanger*. Essa trajetória pode observada nos seguintes livros: Rodrigues (2006) e Rodrigues (2007).

¹⁰ Ver no site outras igrejas e comunidades *undergrounds* cristãs que desenvolvem trabalhos junto aos jovens que estão nas tribos urbanas *headbangers*.

¹¹ O primeiro encontro da CNUC ocorreu em 2000, na Comunidade S-8, em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, por ocasião dos quase 30 anos de suas atividades e por seu pioneirismo.

Recebida em 01/07/2017, revisada em 22/10/2017, aceita para publicação em 24/03/2018.